
MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *O Vôo da Rainha*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

AS CIDADES COMO PROTAGONISTAS DA LITERATURA LATINO-AMERICANA

Rita Couto Mestre em Semiótica da Literatura –
PUC-SP e professora de Teoria
Literária na UNICAPITAL e UNINOVE

A realidade social da América Latina é, e sempre foi, uma grande fonte de inspiração para os seus escritores. Já dizia José Antonio Portuondo: “Não há escritor ou obra importante que não se volte para a realidade social americana...” Não cabe aqui arrolar uma lista desses escritores; ao contrário, queremos acrescentar mais uma obra importante a tantas já existentes: *O Vôo da Rainha*, do argentino Tomás Eloy Martínez.

Tomás é jornalista. E isso não é dizer pouco: para o autor, a profissão está intimamente ligada à de escritor. Segundo ele, “dar uma notícia e contar uma história não são sentenças tão contraditórias como poderia parecer à primeira vista. Pelo contrário: na maioria dos casos são dois movimentos de uma mesma sintonia. Os primeiros grandes narradores foram também grandes jornalistas.” Ser jornalista é algo tão sério para esse autor que ele repudia aqueles que não exercem a profissão com seriedade: “Cada vez que um jornalista atira lenha ao fogo fátuo do escândalo, está apagando com cinzas o fogo genuíno da informação”. Publicou também o livro *Santa Evita*, que vendeu mais de 150 mil exemplares. Sua obra já foi traduzida para sete idiomas. Hoje vive em Nova Jersey e é diretor do Programa de Estudos Latino-Americanos da Universidade Rutgers.

A obra *O Vôo da Rainha* faz parte da coleção “Plenos Pecados”, que já teve escritores que narraram sobre outros vícios que perturbam o homem contemporâneo. Tomás se encarrega, e muito bem, de falar sobre a soberba. Segundo os teólogos, a soberba gera os outros pecados como a hipocrisia, a ambição e a arrogância. Para o próprio autor, a soberba está “na origem de todos os outros. Antes

de os seres humanos existirem sobre a Terra, o demônio se insubordinou contra Deus por arrogância, porque queria equiparar-se a Ele. É o único pecado capital que originalmente eram dois: a soberba e o orgulho. Ambos foram reunidos em um por Tomás de Aquino (1225-1274). A única razão pela qual eram considerados em separado até então era a sua periculosidade”.¹

1 As citações do texto provêm de release divulgado pela editora em matéria publicada na Folha de São Paulo, 27 de abril de 2002, p. E1.

Esse tema mais a problemática da realidade política argentina fornecem elementos que, se trabalhados por grandes autores como Tomás Eloy, geram ótimos romances. Não à toa, o autor ganhou, com essa obra, o Alfaguara, prêmio da Espanha para autores de obras inéditas em língua hispânica, no valor de US\$ 175 mil dólares.

A obra é uma sátira à política e à imprensa na Argentina. Referência: governo Menem. O protagonista se chama Camargo e é diretor do imaginário Diário de Buenos Aires. A campanha de Camargo, por meio do jornal, é contra a venda ilegal de armas para o exterior. Camargo tem 60 anos e é *voyeur*. Foi abandonado pela mãe, o que o torna um homem bastante amargo. Ele apaixona-se por Reina, uma jornalista de 30 anos e, em sua obsessão, atira nela, fatalmente. Coincidência? Tomás comenta que a idéia do romance nasceu em 1999. Ler a notícia sobre Pimenta Neves (ex-diretor do jornal O Estado de S.Paulo, que matou a namorada, a jornalista Sandra Gomide, em 2000) o surpreendeu de forma tão incrível que ele incorporou o fato à sua narrativa. Quando Camargo entra em decadência por causa de sua obsessão e de sua soberba contra Reina, vemos como alguém ou um governo soberbos se desmoronam. Nada mais pode fazer Camargo voltar a ser o que era (pode um país voltar a ser o que era?): sua decadência começa a ser física e galopante depois que ele comete o assassinato.

Em *O Vôo da Rainha*, estão um pecado capital que gera outros, um governo que, denunciado, apela para o fantástico, um crime passional e o tema mitológico do homem mais velho que se apaixona pela mulher mais jovem. A superioridade de Camargo condiz com uma superioridade que já pertenceu à Argentina, cuja sociedade, ainda em meio à crise atual, ergue a cabeça e sai batendo em panelas, exigindo sua dignidade. Na obra de Tomás Eloy, já encontramos decadente, como a vemos nos noticiários da TV. Uma Casa Rosada toda pichada e suja, governantes tentando abandonar

o navio como ratos num naufrágio. Mas ela, a cidade, está lá e o povo quer de volta seus monumentos limpos e sua rotina normalizada. O mesmo vai acontecendo com Camargo: todas as coisas estão sob controle até que sua soberba e seu egoísmo começam a destruir tudo à sua volta; como a cidade, ele vai-se deteriorando.

Não seria exagero afirmarmos também que, além de protagonista, a própria Argentina é personagem dessa grande obra. A América Latina tem histórias, fatos reais que parecem fantásticos - ainda bem que temos escritores latino-americanos a desnudar essa realidade.

A literatura já teve, como protagonistas, seus reis, já teve o burguês, o operário e até a classe média urbana; agora, além das personagens principais, temos as cidades, não somente como um mero espaço da narrativa, mas também como personagens, pois sabemos de seu apogeu e assistimos à sua decadência. Vemos aqui a decadência de uma cidade, não apenas a do personagem. Lá estão as ruas, monumentos, praças, bares e cafés contando-nos uma história...que vale a pena ser lida!
